

BENS DE UM CÓNEGO DA SÉ DE OLINDA EM MEADOS DE SETECENTOS: LEITURAS DE UM INVENTÁRIO «POST MORTEM»¹

PEDRO VILAS BOAS TAVARES

U. do Porto / CITCEM, ptavares@letras.up.pt.

1. A) Desafios de «travessias» atlânticas...

A complexa e rica malha da «micro-história» entretetece e dá expressão concreta à macro-história. A lusofonia e sua expansão universal alimenta-se também (às vezes vale a pena recordar evidências...) das fontes locais e regionais do terrunho europeu. Por outro lado, em certas fontes do tipo das que aqui se aduzirão, revelando correspondências particulares interessantes à história social e cultural, os protagonistas «fazem história» sem consciência de qualquer observação desse seu protagonismo, o que torna ainda mais rica a realidade observada...

Os arquivos de família, como o pequeno espólio da Casa de Quintela, Gandarela de Basto, do qual selecionamos o referido inventário, estão chamados a ser, neste quadro, um imprescindível património de memória, a disponibilizar à comunidade científica...

¹ Arquivo da Casa de Quintela, Fundo da Casa da Venda (S. Clemente de Basto), *Asento da Fazenda do Cónego Manoel Machado Freyre*, documento não datado. Não sabemos a data exata da morte do Cónego Manuel Machado Freire, mas em carta datada de Pernambuco, de 7 de agosto de 1762, dirigida para a metrópole, ao pai do finado, o Padre Felix Machado Freire, tio do capitular, dá conta da herança resultante deste óbito. E vemos anotado no verso desta missiva: «Emporta a herança que ficou líquida para seus pais de seu filho, o R.do Conigo o p.e M.el Machado freyre, em prenambuquo, na mão do R.do Vigr.º o p.e feliz machado freire no ano de 1759 pela certidão do livro do regido: hum conto e trezentos e trinta e dous mil e duzentos e trinta e coatro reis 1332234 (...).» A esta data já haviam passado recibo de 400000 réis.

Catedral de Olinda



Foto Passarinho Pref. de Olinda

Em países antigos, com uma longa história, observar um determinado ponto, localizado num espaço e num tempo precisos (como documento situado), implica capacidade de focalização retrospectiva para decifração desse mesmo momento, que só assim ganha leituras significativamente úteis para o coletivo em que se insere. Por isso, do Brasil colonial, seremos constantemente obrigados a fazer «travessias» que nos transportam, naturalmente, até ao Portugal Medieval e Moderno. Efetivamente, quem não precisará de passar da moradia do «emigrado» da América Portuguesa, da sua casa térrea, nobre ou de sobrado para as suas congéneres metropolitanas²? Quem poderá perspetivar a «Casa Grande» do senhor de engenho, separando-a do modelo patriarcal reinol de moradia nobre e família larga³? Fora das grandes habitações comuns, interiormente indivisas, da tradição indígena, poderemos falar das casas dos «moradores» do Brasil sem recorrer à velha linhagem e linguagem associada às antigas «fogueiras», «casais» e «quintãs» que no norte de Portugal, a seu tempo, detiveram e gozaram colonos e senhores da Reconquista?

² Sobre esta matéria de evolução da casa, cf. o sempre incontornável estudo de FREYRE, s/d b: tomo I, cap. II, p. 93-96 e cap. V, p. 203 e segs.

³ Obrigatoriamente, remeteremos para a celeberrima *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto FREYRE (s/d a). Sob a presidência de honra de Leopold Senghor, a obra deste eminente sociólogo e escritor brasileiro foi em Lisboa, em outubro de 1980, objeto de um importante simpósio internacional. Em fevereiro de 1999, nas instalações da Sociedade de Geografia de Lisboa, teve lugar um outro colóquio: «O Luso-tropicalismo revisitado», de que resultou o livro. *Luso-Tropicalismo. Uma teoria social em questão* (org. Adriano Moreira e José Carlos Venâncio). Precisamente porque na sua interpretação da expansão portuguesa no mundo Gilberto Freyre parece ter estabelecido «os alicerces sociais e culturais do que hoje se entende por lusofonia», cada vez se torna mais aberrante o enorme silêncio ou preconceito ideológico com que alguns meios intelectuais ainda rodeiam este autor e sua obra.

B) Uma conezia em Olinda...

Dito isto, quem é, aqui e agora, o nosso protagonista central, o capitular de Olinda, sobre cujos bens incide a nossa atenção?

Clergymen. Anónimo, Escola Inglesa, ca 1835. Desenho a guache. B.N. D.A. 6 (6) V.



Reprodução em postal editado pela Biblioteca Nacional de Portugal

Um caso particular na variopinta situação do clero português setecentista.

[*Como é evidente, falta aqui, neste guache inglês, alguém com a murça violeta do nosso tonsurado, mas, sem tom caricatural, as imagens reais seguintes, de um capitular da Sé de Goa ou um outro da Sé de Angra, reproduzem o modelo de traje talar canonical, que qualquer um de nós pode na atualidade surpreender e fotografar numa das sés da lusofonia...*]

Cónego da Catedral de Goa



Foto recolhida em <virtualandmemories.blogspot.com> [Acesso em 02/06/2015]

Capelo dos Cónegos da sé de Angra



Foto recolhida em <virtualandmemories.blogspot.com> [Acesso em 02/06/2015]

Trata-se do cónego, licenciado, Manuel Machado Freire, nascido em 1712⁴, filho de Domingos Marinho Álvares e de Benta Machada, moradores no lugar da Ribeira, freguesia de S. Clemente de Basto, em casa próxima à Capela de S. Gonçalo [de Amarante], outrora de Santa Cristina, ermida alpendrada alvejando no alto de uma doce colina, dominando os plainos de Ferrã, Valdevera e Quintela, junto à qual continuam hoje a ter lugar concorridas festas em honra daquele santo, no primeiro fim-de-semana do mês de junho.

O pai era «natural do lugar de Cabanelas de Além, da Freguesia de Santa Maria de Borba de Montanha, onde foi baptizado, filho legítimo de Francisco Marinho, natural e morador na dita freguesia, e de sua mulher Senhorinha Francisca, natural do lugar de Rebordãos, freguesia de S. Salvador de Infesta, onde foi baptizada. Neto por via paterna de Miguel Marinho, natural e morador do dito lugar de Cabanelas, e de sua mulher Francisca Pires, natural do lugar de Porção, da dita freguesia, onde forão baptizados. Neto por via materna de Gonçalo Francisco, natural e morador no dito lugar de Rebordãos, e de sua mulher Domingas Alvares, natural e baptizada no Assento da Igreja, freguesia de Ourilhe, tudo termo da Vila do Castelo de Cerolico de Basto, Comarca de Guimarães, Arcebispado de Braga»⁵.

Não conhecemos muitas das suas particularidades biográficas, mas com facilidade o inserimos no seu meio familiar metropolitano de partida, com o qual se manteve em contacto regular por via epistolar e que, testamentariamente, viria a beneficiar dos seus bens reunidos no Brasil. Era família de cristãos velhos, ciosos ou precisados de o atestar,

⁴ Cf. Arquivo da Casa de Quintela, Fundo da Casa da Venda (=ACQFCV), *Carta do Cónego Manuel Machado Freyre a seu Pai*, datada de Olinda, 20 de maio de 1756, fol. 1 r.º, onde declara a sua idade.

⁵ ACQFCV, *Certidão das diligencias para Familiar do Santo Ofício* a Custódio Marinho Álvares.

porque em 1722, um tio do cônego, Custódio Marinho Álvares, boticário em Lisboa, irmão legítimo do pai, requer e obtém carta de Familiar do Santo Ofício, e em 1738, quiçá por necessidade de uso do capitular, a sua irmã, Isabel Luísa Marinha Álvares, pede ao Conselho Geral do Santo Ofício certidão do teor dessa carta⁶.

De entre o pequeno acervo de uma interessante correspondência seriada do Dr. Manuel Machado Freire para o reino, encontramos uma respeitossíssima e afetiva carta do capitular de Olinda a seu pai, ostentando a sua assinatura, e, entre tantas outras, a preocupação de que não tivessem experimentado as Terras de Basto parte do «castigo» sofrido por Lisboa pelo terramoto⁷...

O mundo de preocupações familiares do cônego, lúcido esteio de bom conselho e de estratégia familiar de reagrupamento e ascensão social, é patente. O desejo de fazer da casa dos seus pais, na Ribeira (S. Clemente), uma «casa grande», transmitida de pais a filhos, fora das limitações de simples foreiros, é patente. Um desejo que apenas se realizará por via da afirmação social da Casa da Venda durante o século XVIII, e sobretudo por via da Casa da Arosa, que à sua pedra de armas juntará a aspiração de constituição de morgadio, não obstante serem as suas terras de prazo, da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e da Igreja de S. Clemente⁸.

Um dia virá em que façamos a exploração sistemática desta série de «cartas de Pernambuco» enviadas pelo capitular da Sé de Olinda à sua família e que até ao século XX se conservaram ciosamente guardadas na Casa do Outeiro ou da Venda, em Gandarela de Basto. Ainda assim, adiantemos que o clérigo não partira sozinho para as partes do Brasil: tinha consigo no Pernambuco um tio, que lhe sobrevirá, o Vigário Padre Felix Machado Freire, e dois irmãos leigos, António e Domingos Marinho Machado. Estes trabalhavam no sertão. Mas sem a segurança da vida eclesiástica urbana de quem rezava as horas na sua sé. Do Domingos se diz que viveu e morreu muito pobre no sertão, alegadamente sem sequer ter levado uma mortalha a envolvê-lo... Exageros, aforradores de prestação de contas miúdas para o reino? Talvez, mas é bem sabido que, como sempre, ao contrário do capitular da Sé de Olinda, por vezes no seio da mesma família, nem todas as emigrações foram de sucesso material.

⁶ ACQFCV, *Certidão* supracitada, passada pelo secretário do Conselho Geral do Santo Ofício, Jacome Esteves Nogueira, datada de Lisboa Ocidental, 16 de dezembro de 1738.

⁷ Dado o seu particular interesse, reproduzimos integralmente o texto desta carta.

⁸ Cf. TAVARES, 2013b: 276-290.

A Casa do Outeiro ou da Venda no centro de Gandarela de Basto



Foto do autor

C) ... E obras em Portugal

É a algo imponente Casa do Outeiro ou da Venda, em pleno centro da vila de Gandarela, S. Clemente de Basto, que, certamente de forma não exclusiva, ainda hoje regionalmente manifesta ter beneficiado da remessa de rendimentos outrora reunidos além-mar pelo cónego olindense. Aqui vemos uma fotografia dessa Casa, de há duas décadas, com a sua Capela própria, apenas recentemente (1933) fora da propriedade da família de origem, a família a que pertenceu o Cónego Manuel Machado Freire.

A Casa da Venda do lado Sul / Poente



Foto do autor

A Casa da Venda do lado Norte / Nascente



Foto do autor

De facto o capitular da Sé de Olinda era, como se disse, irmão de Isabel Luísa Marinha Álvares que casou com António Luís de Barros Mesquita e Magalhães (filho de Gervásio Luís de Barros, da Casa do Outeiro ou da Venda, e Mariana Mesquita Magalhães, da Casa de Quintela, S. Clemente de Basto), como tal sendo este António Luís, por seu pai, herdeiro da Casa do Outeiro ou da Venda, e da capela de Nossa Senhora da Oliveira, da qual foi o segundo administrador. Apesar de a talha desta capela, cuja autorização de construção data de 26 de junho de 1717, ter sido lavrada pelas próprias mãos de Matias Luís, irmão de Gervásio, instituidor e primeiro administrador dela, hoje, a um olhar atento, a falta de ouro da talha, a incompletude do plano inicial de obras da capela, e sobretudo as contas do «*Livro de Rezão*» da Casa, revelam as dificuldades patrimoniais familiares na resolução dos compromissos assumidos por Gervásio e Matias Luís, em junho de 1710, junto ao leito mortal do pai, Domingos Luís de Barros, relativamente a seu voto da fábrica do templo.

Acerca da capela, da casa e destes *Luíses* de Gandarela, devotos da Senhora da Oliveira e de S. Luís, Rei de França, dos avatares dos seus antigos e nem sempre respeitados privilégios das «*tábuas vermelhas*» da Colegiada de Guimarães já temos tido ocasião de alinhar algumas informações e reflexões que uma tão original situação necessariamente suscita⁹. Situação aparentemente não destituída de réplica e paralelo, em tipologia e «*lógica*» de moradia e de capela, como vemos na região do Sousa, na *Casa Grande de Vilela*, concelho de Lousada¹⁰. Não nos repetiremos pois, ainda que, regressando ao caso dos enfiteutas da Casa da Venda, de Gandarela, seja imperioso reconhecer que o seu ambicioso plano de obras e os apuros financeiros por este ocasionados foram manifestamente sendo removi-

⁹ Cf. TAVARES, 2011: 91-107.

¹⁰ Cf. SILVA, 2007: 91-94.

dos, à luz dos documentos do arquivo da própria casa, pela coesão dos laços familiares e por oportunos apoios vindos do Novo Mundo¹¹...

Fachada principal da Capela de Nossa Senhora da Oliveira em Gandarela de Basto



Foto do autor

Altar, retábulo e imagem de Nossa Senhora da Oliveira, Gandarela de Basto



Foto do autor

¹¹ Cf. TAVARES, 1996: 598-593.

É de referir que além dos familiares «brasileiros» mencionados, Mariana de Mesquita Magalhães, mulher de Gervásio Luís, tinha no Brasil dois irmãos, Lourenço e José Mesquita Magalhães. Mas foi a herança do Capitular da Sé de Olinda, falecido antes dos seus pais, e assim beneficiando materialmente os progenitores, que mais contribuiu para, temporariamente, desonerar a Casa do Outeiro ou da Venda, em Gandarela. As «Cartas de Pernambuco» revelam que o cônego deixou, por morte, bens móveis e de raiz valendo perto de dois contos e meio, daqui ficando líquida para seus pais, a quantia de 1.982.234 réis, que o Reverendo Vigário Dr. Félix Machado se encarregaria de remeter de Pernambuco para Basto, por via da praça do Porto, em nome de seu «Primo e Senhor, Domingos Marinho Álvares».

Na mesma vila, a cerca de 500m da Casa da Venda, fica a Casa da Arosa, sensivelmente da mesma época e cultura arquitetónica, ainda que mais erudita e solarenga. Estas duas casas, beneficiadas pelos privilégios dimanados do senhorio direto da Colegiada de Guimarães de Nossa Senhora de Oliveira, forjarão entre si vínculos familiares sólidos e duradouros, «demonstrativos do êxito de estratégias matrimoniais ascensionais quanto ao património e às representações sociais simbólicas, impulsionadoras outrossim da exploração de redes de capilaridade social, solidariedade, e entrosamento familiar, comuns às casas de nobreza provincial»¹².

Casa da Arosa, Gandarela de Basto, vista da atual Rua Ouvidor Magalhães Machado



Foto do autor

Já tem sido por nós ensaiada e não é para aqui, senão em breve alusão, a história do povoamento de *S. Crymenço de Guandarela*. Os escassos efectivos humanos disponíveis e a necessidade do arroteamento dos campos – impõe-se sempre lembrá-lo – cedo atraiu

¹² TAVARES, 2011: 98.

privilégios aos moradores destas terras. Ainda em 1441 a necessidade obrigava a Coroa a declarar Celorico couto para 30 homiziados...

Como começou tudo? ... Longos, quase sempre inextricáveis mas legíveis, nos parecem os caminhos da «apropriação cristã» do território. Este velho edifício colmaço que aqui reproduzimos, um exemplar como vários que conhecemos e ainda reconhecíveis na região, fotografia esta tirada de uma obra referente às inquirições régias no concelho de Celorico de Basto¹³, procura ilustrar uma realidade: a paulatina evolução da forma externa dos fogos, mas a permanência, até ao liberalismo, da vigência dos contratos enfitêuticos que, aqui generalizadamente, estão na base da colonização e exploração da terra.

Antiga casa colmaça em Basto



Foto da capa da cit. obra

Dos cavaleiros da «presúria» destas terras, e da doação pelos descendentes destes cavaleiros dos seus casais da Erosa (ainda hoje com «torre» e «freiria» na toponímia local) à abadia de S. Clemente e à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, foi um passo. Segundo demonstram as *Inquirições de 1285*, a igreja de S. Clemente era do padroado dos filhos de Soeiro Pires Correia e de outros cavaleiros que na freguesia *honravam* vários casais¹⁴. Entre eles os cavaleiros de Erosa (> Arosa). Efetivamente, os casais destes cavaleiros, na sua maioria, acabaram deixados em testamento ou doados à igreja de S. Clemente, a Pombeiro e à Colegiada de Guimarães, instituições eclesiásticas que, mantendo sempre o senhorio direto ou raiz, foram celebrando com os seus «caseiros» ou «colonos» contratos enfitêuticos. Assim, a 4 de novembro de 1289, em Guimarães, perante público tabelião e testemunhas, Gonçalo Gonçalves e sua mulher doaram ao cabido da igreja de Guimarães os «herdamentos» que possuíam em Erosa e Outeiro, freguesia de S. Clemente.

¹³ LOPES, 2008.

¹⁴ Cf. TAVARES, 2013a: 74 e 75.

Bem humildes, anónimos e sofridos foram séculos de vida dos «caseiros» de Basto, enfeitadas da Colegiada, por muito honrosa e vantajosa que efetivamente fosse a titularidade do senhorio direto, e as isenções e privilégios dele dimanando, alegadamente desde Afonso Henriques.

A expansão e o Brasil tudo mudariam. No aspeto dos casais, moradias e quintas, mas sobretudo no horizonte das almas e das culturas. Todos o sabemos.

Vale pois a pena, finalmente, reproduzindo modelos europeus (neste caso do primeiro patamar e trem de vida do alto clero capitular), sondar como no Portugal moderno, do Novo Mundo, vivia o descendente de um destes casais honrados do Entre-Douro-e-Minho, já na Idade Média por vezes tão pobres quanto privilegiados.

2. Texto do Asento da Fazenda do Cónego Manoel Machado Freyre, documento conservado no referido fundo documental da Casa da Venda, Gandarela de Basto

Asento da Fazenda do Cónego Manoel Machado Freyre¹⁵

*Dinheiro: tem 1054440 [rs.];
em ouro: hum relicário com 23 oitavas de ouro = 32200;
hum anel de ouro com seu diamante, 12800;
sinco colheres de prata e seus garfos, três facas em prata, tudo 16500.
huma salva de prata, com huã libra e 8 oitavas, 13600;
huma boceta de prata = 6550;
outra boceta de prata, liza = 1350;
hum par de esporas de prata 5700;
duas chapas de prata de fonte, com 8 oitavas e meia 1150;¹⁶*

Bens moveis

Duas Imagens de marfim com suas coroas de ouro avaliadas ambas em 32000;

¹⁵ É patente a eloquência deste inventário no quadro de uma Olinda colonial, eclesiástica e europeizada. Excetuadas talvez o tipo de madeiras usadas na marcenaria (e só até certo ponto), o recheio da casa deste capitular não andará longe dos coevos congêneres seus de uma das sés principais do reino. Quanto à considerável prosperidade demonstrada, ela pode ser aferida comparando esta relação de bens com a do abastado boticário do Recife, José de Abreu Cordeiro, que em 1768, juntamente com a sua mulher, quis fixar as disposições dos cônjuges por morte. Tinham estes mais prataria, mais jóias, mais santos e muito mais escravos, mas os bens do cónego não estavam agravados por hipotecas, que oneravam os bens do casal (cf. FREYRE, s/d b: I, 292-294).

¹⁶ A soma de numerário é evidentemente avultada, mas a prataria corresponde à frequente nas habitações das camadas médias urbanas do último quartel do século e de inícios de oitocentos, o que não deixa de ser interessante, considerada esta anterioridade. Cf. SILVA, 1993: 214.

huma lamina com o Senhor Santo Christo, em 1000;
huma lamina com o Senhor Resuscitado, 6400;
huma lamina com a Senhora, com suas goardas douradas, 6400;
dois pa[i]neis grandes, pintados ambos, em 4800;
quatro placas e hum expelho, em 2400;
hum bofete, 3200;
hum catre de jacarandá, 4000;
hum cortinado de riscado da India, 4000;
duas comodas de jatobô em 3200;
huma duzia de cadeiras com cobertas de damasco = 38.400;
duas cobertas de meza de damasco, 10000;
seis pares de cortinas de damasco carmezim = 60000;
hum relógio grande = 40000;
huma cayxa grande de pao amarelo, 4800;
huma arca de moscovia, 2000;
huma pequena de coyro, 640;
huma espingarda, 4000;
meia dúzia [de cadeiras] de coyro, 6000;
hum tamborete razo, 640
huma donzela [= senhorinha?], 1280;
huma mezinha redonda, 3200;
hum candeeyro de latão, huma bacia grande e outra pequena, tudo em 2000;¹⁷
huma bazia, hum jarro e humacuspideyra de estanho, tudo 640;¹⁸
8 pratos de cozinha grandes a 24 = 1920;
duas duzias pequenos, 2400;
dois pratos de estanho grandes, 200;
hum talher de estanho, 1000;
16 libras de cobre, 5220;
dois ternos de sopiras [sopeiras] finas, 6000;
três potes da India, 6400;¹⁹
dois vasos da India, 2000;
uma manga de laca fina, 400;

¹⁷ Coiros de moscôvia, cortinados de riscado da Índia, cadeiras e mesa forrados de damasco, paredes cobertas por lâminas com gravuras ou painéis pintados com motivos sacros, «é com certeza uma casa portuguesa» de setecentos nos trópicos, em que o ambiente se coaduna com a imagem e estatuto social do capitular.

¹⁸ O detestável mas omnipresente objeto que era a escarradeira, aqui não de louça da China e nada ornamental, tinha, como vimos, uma utilização intensa, dadas as maleitas do Cônego Manuel Machado Freire.

¹⁹ A presença significativa de loiça da chamada Companhia das Índias é algo que não poderia faltar, dado o peso do oriente e do orientalismo na cultura portuguesa que estes itens refletem. Ainda hoje é difícil em qualquer casa portuguesa tradicional não se constatar o fascínio por tal tipo de loiça, que desde quinhentos o comércio luso divulgou na Europa culta.

um jogo [= serviço] de xã [chá], 3200;
meya dúzia de pratos e hum grande, tudo 1920;
Duas bandejas, 640;
Hum garrafão, 640;
4 jarras, 640;
huma banca de jacaranda e setenta tomos de vários livros = 60000;²⁰
hum capote de pano fino, 5000;
hum chapeo fino, 2000;
duas camizas de bertanha, 2400;
huma toalha de gimarans [Guimarães] com seis guardanapos, 6000;
duas fronhas de renda, 1280;
4 pares de missa, de linho, 1280;
4 varas e meya de bofeta [tafetá] a 800, 3600;
huma coberta de xita, 1280;
tres côvados de pano groço verde, 2400;
huma coberta de xitagroça, 500;
huma meza de pao amarelo, 1600;
três sobrepilizes, 6000, duas velhas, 2000;
duas murças, 3200;
hum manto e capello, 4800;
hum catre de pao amarelo, 3200;
hum espreg[u]iceyro de coyro cru, 1600;
huma torneira, 480; huma frasqueyra, 1000²¹

²⁰ Embora lamentavelmente não lhe conhecendo as matérias e os títulos (e é também culturalmente significativo que os arroladores não os tenham discriminado nos volumes avaliados), não é, apesar de tudo, digna de ser considerada humilde a «livraria» particular deste cônego. Não é arriscado supor que fosse sobretudo um acervo pessoal de consulta, no domínio da liturgia, teologia, «casos», hagiografia, história eclesiástica, universal e do reino.

²¹ Referindo-se a um inventário carioca de 1820 (de Francisco Alves e sua mulher), sublinha Maria Beatriz Nizza da Silva (1993) que se percebe dele que, no Rio de Janeiro, nas camadas médias, o mobiliário se tinha diversificado um pouco. É isso que quanto a nós parece patentear já, no seu tempo, o da casa do Cônego Manuel Machado Freire, em tónus eclesiástico; talvez porque nas casas das pessoas dos estratos superiores, em Olinda, no Recife, em Salvador «e até em S. Luís de Maranhão», o tom europeu das modas e do conforto tenha sido mais precocemente assumido do que no Rio de Janeiro (FREYRE, s/d b: I, 354). Ainda segundo Nizza da Silva, a inovação presente no dito inventário do Rio «em relação a outros mais antigos é a presença de 13 quadros de vários tamanhos, o que reflecte já uma preocupação com a decoração das paredes». Tal como se percebe na do capitular de Olinda, «a cozinha estava equipada com poucos artigos dignos de avaliação», mas, ainda assim, neste caso, com mais extenso e expresso elenco: «12 pratos pequenos, 3 bules, 1 açucareiro, 1 leiteira, 6 chécaras, 12 pires mais 3 desirmanados, 3 copos, 1 cálice, 3 frascos, 1 tigela de lavar», 28 garrafas pretas, um «coco de estanho» para tirar água do pote, 2 chocolateiras (como as que ainda conhecemos nas cozinhas antigas das nossas aldeias de Entre-Douro-e-Minho), «1 tacho de cobre, 2 bacias de arame e 2 bandejas». Enquanto, no domínio da iluminação, na casa do cônego se dizia haver quatro «placas» e um «candeeiro de latão», pelos vistos, na do casal do Rio, falava-se em quatro «palmatórias de sabão», designação dada a pequenos suportes individuais de velas, ou placas, feitos em pedra sabão, e não, neste caso, a instrumentos «para castigo dos negros domésticos», conforme entendeu a citada estudiosa da vida privada e quotidiana no Brasil.

Escravos²²

Antonio, velho e quebrado = 60000;

Antônio Cristo, 60000;

João de Angola, 70000.

Bens de rais

Huma morada de cazas de pedra e cal, p' = 650.000²³

Soma toda a conta 2394190 [rs.]*.

3. Carta do Cônego Manuel Machado Freire a seu Pai, datada de Olinda, 20 de maio de 1756

Não faltou Vossa Mercê nesta frota nem em alguma outra de me dar o gosto de suas noticias escriptas de sua mão, Deus lha avivente para que em nenhum tempo me prive eu deste gosto. Com ellas me certifiquei de que inda vive a minha amada May, ainda que moles-tos [os dois] dos emcargos que trazem os annos, tudo indicios com que nos mostram o pouco que nos resta de vida, quererá Deus terlhe sempre na memoria esta certeza para ter justa com elle a conta a dar quando for pedida sem receyo de erro, que heisto em que só devemos cuidar para segurarmos a vida eterna, que a presente com ninhuma diligencia nossa se faz estável. Ta[m]bem Deus a mim me vay mostrando que quarenta e quatro annos de idade he bastante duração para conhecer os enganos do mundo e abrir os olhos para a eternidade; que haverá

²² Dado o estatuto social do capitular da Sé de Olinda, não deixava um número chamativo de escravos. Em Gandarela de Basto, o seu parente da Casa da Arosa, David Oliveira Ribeiro de Moura, além dos filhos do casamento com D. Antónia Quitéria Álvares de Araújo, teve de uma «Maria, solteira, das partes do Brasil», a Mariana de Oliveira, a qual casou a 21-2-1771 em S. Clemente de Basto, com Francisco Ribeiro, filho natural de Isabel Álvares, de São Bartolomeu do Rego (ADB – Registos Paroquiais, S. Clemente de Basto, casamentos 2, livro 84, fol. 83v-84). O casal David e Antónia Quitéria tinha na Arosa, Gandarela, idêntico número de escravos. Foram proprietários de João Ribeiro, falecido a 15-1-1770 (ADB – Registos Paroquiais, S. Clemente de Basto, óbitos 2, livro 88, fól. 100) e mulher, Maria Ribeiro, falecida a 1-10-1755 «de repente, na cama» (ADB – Registos Paroquiais, S. Clemente de Basto, óbitos 2, livro 88, fol. 58), recebidos a 20-8-1741 na igreja paroquial (ADB – Registos Paroquiais, S. Clemente de Basto, casamentos 1, livro 83, fol. 83); foram pais de António, nascido a 29-7-1752 e batizado a 31 em S. Clemente de Basto (ADB – Registos Paroquiais, S. Clemente de Basto, nascimentos 4, livro 74, fol. 43v). Antónia Quitéria teve ainda Custódio, escravo falecido a 18-10-1778.

²³ Mais do que aquilo que a propósito deste item possamos adiantar, valerá a pena, uma vez mais, dar voz ao informadíssimo e inspirador Gilberto Freyre. Recorda o ilustre sociólogo: «Em Olinda, em 1575 já havia setecentas casas de pedra e cal; e é provável que aí, como em Salvador, tipo da cidade talássica, com as ruas e as próprias casas escancaradas para o mar, alguns sobrados com terracenas para a água, se aproveitasse o marisco no fabrico da cal. Duarte Coelho, que construíra Olinda, dando à colonização da Nova Lusitânia aquele carácter semi-urbano que conservaria por longo tempo, com muitos senhores de engenhos morando metade do ano nos sobrados de Olinda, trouxera da Europa artífices que foram aproveitados na construção de «casas de branco», e não, simplesmente, na montagem de engenhos de cana e na edificação de igrejas. Esses artífices devem ter vindo ganhando salários quase tão altos quanto os dos mestres do Reino que vieram para a Bahia e aí construíram as «nobres casas» de que fala Gabriel Soares» (*Sobrados e Mocambos*, tomo cit., p. 232).

* 231[9?emendado; 4 emendado] 190 [rs.]; na nossa conta 2326850 rs.

dous meses me deo hum defluxo com que lansei bastantes escarros de sangue, e o medico me julgava com princípíes de tísico, mas com vários remedios e cautella de alguãs cousas notáveis, posto que inda não estou livre de dor no peito, já – Deus louvado – vou escapo por agora do máo anuncio que me davão, e como [a]o cantar com excesso na Séé se attribuía a causa desta moléstia, com me moderar viverei mais sadio.

Não veyo é habilitação para haver essas vaquinhas que ficarão de meo irmão, nem athe agora tem sido precisa por não haver quem o dellas se lembrasse para as recolher, talvez por poucas, eu não tenho tido dellas noticia, que como morrerão os parentes do sertão, e não ficou mais que o Jeronimo, que apenas cuida das suas demandas, inda essas poucas a escaparem dos tesoueiros dos defuntos e ausentes não escaparão de ladrões, de sorte que nada se colherá, inda que estou de acordo na primeira ocasião fazer nova recomendação ao dito Jerónimo.

Na frotta não vierão aquellas inquirissões que meo Tio e Vossa Mercê recomendão para o filho de Francisco Machado, ou netto de Maria de Mesquita em que eu tenho grande empenho. Vossa Mercê saberá os termos desta matéria para avisar do que há nella, quando seja necessário algum dinheiro não duvide dallo que tudo de sitas fara com prontidão; também vay hua inquirição a favor da demanda do Jerónimo, que meo Tio dirá e [a] quem vay remetidas nos termos della, e Vossa Mercê procurará encaminhar para que venha em termos.

Vivo cuidadoso não chegasse por essa terra parte do castigo que experimentou Lisboa, inda que como mais arredada do mar a considero mais bem livrada; nesta se não viu mais que um enchente do mar na mesma hora e dia que succedeo a ruina de Lisboa, sem que disto resultasse algum mal a terra mais que algum susto cos moradores das prayas que o presenciarão por mais de setenta legoas de extensão pella costa para a parte do norte desta cidade, principiando daqui a seis legoas. Os Primos de Lisboa não tiverão perigo, nem nas pessoas nem na fazenda conforme o que me escreverão, o que tudo attribuo a merecimentos do Pay, que considero gozando da vista de Deus, pela boa vida que teve.

Não quis a Prima Victoria assentir àquelle casamento que lhe mandei propor à frotta passada com um sujeito que esizte nesta terra com quem tenho amizade e de que a Vossa Mercê dei parte; parecia-me bom o acerto, ella se escuza dizendo está como May, e deve primeiro casar o Irmão antes de ella ellegir estado: boa está á resolução, como agora lhe eide dizer, quando ella se resolve a nunca casar; porque á haver de o fazer com a companhia do marido, e melhor do que lhe oferecia, faria melhor esta disposição. Eu também recuso passar o mar, e a chegar, gozar pouco da vista de Vossa Mercê; que he o que me comove o coração, e não sei nesta matéria quando e como me eide resolver: dame cuidado o considerar que com a minha presença talvez tornaria a casa de Vossa Mercê ao seo principio, puxando para ella hũa sobrinha, e casandoa com quem nella morasse, e nella sucedecem seos filhos, e não ficasse para sempre foreyra, ou unida a da Venda, como Vossa Mercê a pos, magoa que sempre me hade durar, pois se meo cunhado fizesse cabeça dessa casa, lhe não creio necessários outros bens para sy, e seos filhos, como o não forão a Vossa Mercê, e se trouxera o que Vossa Mercê lhe deo em dinheiro melhor se augmentaria; mas esse erro se poderia hoje emendar pello modo dito,

havendo madureza no obrar, e prudencia no tractar, e se Vossa Mercê emquanto vive emcaminhar a isto alguã cousa, fação, que de o eu fazer lhe vou perdendo as esperanças por nunca se por em termos as doações que eu pertendia, não mais que para este fim, e de cá nada poderei emcaminhar, porque todos Vossas Mercês se explicão mal por carta, e eu lhe[s] não posso advinhar os pensamentos; se morara ahi perto o primo Domingos, por elle entendera melhor a Vossas Mercês que de lá so a elle entendendo a lingoa, e vivo na certeza que em me faltando delle a carta de Vossa Mercê, nenhum mais me hade ver a letra; falo tudo claro porque falo com Vossa Mercê, e sei tem prudencia para ponderar as matérias, e conhecer, ou distinguir a fruta da casca. Tenho dito.

Recomendeme no amor de minha amada May, Irmã, e sobrinhos, e lembrança dos conhecidos, e amigos, e a Vossa Mercê o faço em pessoa, e lhe pesso obediente, e humilde a bênção.

Deus guarde a Vossa Mercê muitos annos.

Olinda, 20 de Mayo de 1756

De V.^a M.ce,

Filho m[ui]to am[an]te e obediente

(Ass.º) Padre Manuel Machado Freyre

Referências

- ARQUIVO da Casa de Quintela – *Fundo da Casa da Venda* (S. Clemente de Basto).
- ARQUIVO Distrital de Braga – *Registos Paroquiais*.
- FREYRE, Gilberto (s/d a) – *Casa Grande e Senzala*. Lisboa: Livros do Brasil.
- ____ (s/d b) – *Sobrados e Mocambos*. Tomo I. Lisboa: Livros do Brasil.
- LOPES, Eduardo Teixeira (2008) – *A Terra de Celorico de Basto na Idade Média. As Inquirições Régias*. Celorico de Bastos: Ed. Autor.
- MOREIRA, Adriano; VENÂNCIO José Carlos, org. (2000) – *Luso-Tropicalismo. Uma teoria social em questão*. Lisboa: Vega.
- SILVA, José Carlos Ribeiro da (2007) – *A Casa Nobre no Concelho de Lousada*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Vol. 1. Porto: FLUP.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva (1993) – *Vida privada e quotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Estampa.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas (1996) – *Nossa Senhora de Oliveira em Terras de Basto*. In *Actas do 2.º Congresso Histórico de Guimarães*. Vol. 7. Guimarães: Câmara Municipal.
- ____ (2011) – *Privilégio, Casa, Devoção Familiar e Onomástica*. In *2.º Congresso Internacional Casa Nobre: um património para o futuro: actas*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal.
- ____ (2013a) – *Cabeceiras de Basto: da Reconquista e dos Primórdios à Regeneração Demoliberal*. In FERNANDES, Isabel Maria, coord. – *Cabeceiras de Basto: História e Património*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal.
- ____ (2013b) – *O Magistrado e o seu Solar: Serviço Público, Casa e Morgadio em Gandarela de Basto*. In *Casa Nobre: um património para o futuro: actas – 3.º Congresso Internacional*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal.